

Técnicas Para Análise da Televisão

Proponho, neste texto, algumas técnicas para conhecer melhor os Meios de Comunicação, principalmente a televisão. Esta análise pode ser feita na sala de aula com os alunos, ou, onde for possível, com grupos de pais de alunos. Também seria interessante que os professores pudessem exercitar estas dinâmicas para interpretar melhor os Meios e o processo de comunicação.

O método proposto prevê fundamentalmente a análise em grupo, onde há tempo para participação em pequenos grupos e em plenário. Mas estas dinâmicas podem ser adaptadas às situações concretas de cada instituição e de cada pessoa.

O método básico de análise dos Meios é **predominantemente indutivo**. Parte de um programa concreto, de uma proposta específica (um filme) e enfatiza a análise subjetiva da obra, num primeiro momento, comparando as **convergências e divergências na percepção grupal**. Numa segunda etapa, o grupo analisa também obras

* Doutor em Ciências da Comunicação, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP –, do Instituto Metodista e do Colégio Santa Cruz.

concretas, mas procurando **objetivar** mais a análise, isto é, ler mais claramente as mensagens que são passadas num programa, explícita e implicitamente. Numa terceira etapa, **relaciona-se uma obra concreta com outras** que têm alguma semelhança. Por exemplo, se se analisa um programa informativo, compara-se com outros programas informativos de vários Meios para poder entender as questões mais importantes da informação nos Meios de Comunicação, até chegar a **uma visão** mais geral, a uma visão **estrutural** da informação dentro da nossa sociedade.

A duração das análises em pequenos grupos varia de acordo com a técnica utilizada e a situação concreta, mas é a parte mais importante, onde cada um pode expressar seus sentimentos e pontos de vista sem cerceamento e sem o medo do julgamento do grupo, que alguns sempre sentem quando estão no plenário. Nesta etapa o coordenador fica à disposição dos grupos para esclarecer dúvidas, sem interferir nas suas opiniões. Pede-se a cada grupo que escolha um relator para anotar as suas principais idéias e conclusões. No plenário, depois da exposição dos grupos, o coordenador destaca as semelhanças e diferenças na leitura dos grupos e do plenário. Coloca questões ao grupo, podendo completar alguns pontos não suficientemente elaborados por este. Ao final faz um resumo dos avanços obtidos e a avaliação do processo, junto com o grupo.

O Ponto de Partida

O primeiro momento consiste em perceber como nos relacionamos com os Meios, o que nos leva a desejá-los, a querer vê-los. O coordenador questiona cada participante sobre:

- os Meios de Comunicação preferidos (pela ordem);
- o número de horas diárias de TV, em média, a que cada um assiste;
- os programas preferidos (três) e por quê;
- que tem de positivo a televisão, isto é, o que o leva a ver TV;
- o que o afasta da televisão, isto é, o que rejeita na TV,
- que o leva e o afasta do rádio, dos jornais impressos, do cinema.

Havendo tempo, estas questões são respondidas primeiro individualmente e depois em plenário, ou em pequenos grupos e depois em plenário.

A finalidade desta dinâmica é traçar um quadro da relação das pessoas com a televisão e com os Meios e mostrar alguns valores importantes (através das preferências e das rejeições).

Análise de Programas de Ficção (Novelas e Seriados)

PRIMEIRA TÉCNICA: ANÁLISE DE VALORES

Em primeiro lugar, o coordenador escolhe um capítulo significativo de uma novela ou seriado, preocupando-se com que a maior parte das pessoas tenha noções prévias do que vai ser apresentado.

Antes da exibição, o coordenador pergunta o que esperam desse programa e anota os principais dados.

Exibe o programa e em seguida cada pessoa, se possível, e depois os grupos, divididos segundo critérios de homogeneidade, respondem a questões sobre:

- que gostou mais no conjunto do programa:
 - situações, cenas, personagens marcantes;
 - outros elementos;
- o que gostou menos no conjunto do programa:
 - situações, cenas, personagens apresentados;
 - outros aspectos;
- que opiniões e valores são defendidos no programa;
- de que opiniões e valores discorda.

Cada grupo expõe suas conclusões. O coordenador trabalha com o plenário as concordâncias e discordâncias e explicita junto ao grupo certas questões, principalmente as "opiniões e valores defendidos pelo programa", para situar a análise do grupo e completá-la, se necessário.

Neste primeiro nível de análise de programas de ficção ainda estão um pouco vagos o reconhecimento do programa e a sua valoração. É comum que as pessoas julguem

antes de tentar desvendar o que diz "objetivamente" o programa. Mas se a dinâmica for bem realizada, aparecerão muitos elementos da percepção sensorial e racional e elementos valorativos do grupo e do programa.

O coordenador pode trabalhar em plenário da mesma forma que situações semelhantes às do programa são apresentadas em outros programas de ficção. Ao final, o coordenador faz, com o grupo, uma síntese das análises e descobertas e as confronta com as expectativas iniciais.

SEGUNDA TÉCNICA: ANÁLISE DA OBRA DE FICÇÃO

Na técnica anterior – da análise dos valores – ainda estão misturados os dados de reconhecimento e os de valoração da obra (o objetivo e o subjetivo). Nesta segunda etapa pretendemos separá-los melhor, trabalhando mais especificamente a estrutura da obra, as técnicas e o que ela diz direta ou indiretamente.

Escolhe-se um capítulo significativo de uma novela ou seriado. Depois da exibição, os grupos se organizam segundo algum critério de homogeneidade (ex.: pais/filhos, religiosos/leigos) e discutem questões sobre:

- que estória foi contada (reconstrução da estória),
- como foi contada essa estória:
 - o que chamou a atenção visualmente;
 - o que destacaria nos diálogos e na música;
- que idéias passa claramente o programa, o que diz claramente esta estória:
 - o que contam e representam os personagens;
 - qual o modelo de sociedade apresentado;
- a ideologia do programa:
 - mensagens não questionadas (pressupostos ou hipóteses aceitos de antemão, sem discussão);
 - valores afirmados e negados pelo programa (como são apresentados a justiça, o trabalho, o amor, o mundo);

- como cada participante julga estes valores (concordâncias e discordâncias nos sistemas de valores envolvidos). A partir de onde julga cada um de nós a estória, os outros.

No plenário, são apresentadas as principais respostas, comparadas e debatidas. A análise da obra deve levar a questionamentos mais amplos, tentando encontrar o que é constante na narração televisiva (temas, personagens, estereótipos, os grandes mitos do amor/ódio, nascimento/morte, bem/mal e como são tratados na ficção, hoje), analisando a relação entre o que há de realidade e de fantasia nas novelas, nos seriados.

Análise da Informação

Os Meios de Comunicação são, praticamente, os únicos caminhos de conhecimento do que acontece no mundo (a maior parte Xdo nosso conhecimento é indireto, não testemunhal). Por isso convém partir da nossa experiência informativa, da nossa percepção dos Meios para, através de análises comparativas de vários tipos de informação, poder chegar e compreender o contexto da informação, como está organizada, que visões passa da realidade.

Como técnica inicial convém **partir das experiências informativas de cada pessoa**, de fatos testemunhados ou bem conhecidos e como foram informados pelos Meios de Comunicação. O coordenador pede que as pessoas relatem esses fatos e as versões Meios, anotando as principais. Depois pergunta ao grupo o que houve de semelhante nos vários relatos.

Normalmente, observam-se interferências dos Meios, destacando aspectos parciais, não dando a visão de conjunto do problema apresentado, nem sempre noticiando fatos conhecidos do grupo etc. O coordenador pode completar estes dados com outros do seu conhecimento.

A teoria nos mostra que a nossa experiência e conhecimento prévios são importantes para situar-nos diante dos Meios, pois quanto melhor conhecermos um assunto, mais poderemos interferir na versão que estes apresentam.

Depois convém fazer uma **análise específica de um programa de televisão** (Jornal Nacional, por exemplo) e de dois jornais impressos no dia seguinte. Não havendo vídeo, pode ser feito um acordo no sentido de que todos vejam em casa o mesmo telejornal e tragam para o debate jornais do dia seguinte.

Se houver um vídeo, o coordenador solicita a um dos participantes que anote a seqüência das notícias do telejornal, e a outro que cronometre a duração de cada notícia.

Depois da exibição, o coordenador pede que os participantes se dividam em grupos a fim de que alguns analisem o telejornal e que pelo menos dois analisem os jornais impressos (cada grupo analisa um jornal).

Questões para a análise do telejornal:

- Que notícias chamaram mais a sua atenção (notícias que sensibilizaram mais, que marcaram mais). Por quê.
- Que notícias são mais importantes para cada um ou para o grupo. Por quê.
- O que considerou positivo nesta edição do telejornal (técnicas, tratamento de algumas matérias, interpretação etc.).
- De que discorda neste telejornal (de algumas notícias em particular ou em geral).

Questões para a análise do jornal impresso:

- Notícias mais importantes para o jornal (quais são as mais importantes da primeira página); que enfoque é dado.
- Que notícias coincidem com o telejornal (a coincidência é total ou há diferenças de interpretação?).
- Que notícias são diferentes do telejornal (notícias que o telejornal anterior não divulgou).
- Qual é a opinião do jornal nesse dia (análise dos editoriais, das matérias, normalmente na segunda ou terceira páginas não-assinadas).

O coordenador pode reconstruir a seqüência das notícias por escrito na frente do plenário, pedindo que o cronometrista anote a duração de cada matéria.

Cada grupo coloca no plenário as respostas à primeira questão. O coordenador procura reconstruir com o plenário as notícias mais importantes para a emissora e para o jornal impresso. Vê as coincidências e discrepâncias, Convém analisar a notícia mais importante com calma, exibindo-a de novo, observando a estrutura, as técnicas utilizadas, as palavras-chave, a interpretação. E assim respondem às outras três

questões, sempre confrontando a informação da televisão com a do jornal impresso, observando as omissões mais importantes.

Com esta análise não se chega a uma visão de conjunto, mas se percebe a parcialidade na seleção das notícias, na ênfase dada, na relativização da informação, na espetacularização da TV como uma das armas mais importantes para se atrair o telespectador.

Se não houver possibilidade de observar um programa informativo específico, o coordenador poderá propor algumas questões para serem discutidas em pequenos grupos e depois no plenário:

- Como eu me informo.
- Que telejornal prefiro e por quê.
- O que não gosto desse telejornal e mudaria.
- Que semelhanças e diferenças percebo nos vários telejornais. Que análise faço dos dois principais jornais impressos.

A **informação também pode ser analisada a partir de um tema ou assunto dete-rminado**. Escolhe-se um assunto polêmico, de interesse do grupo e da atualidade. O coordenador traz várias amostras de programas, jornais, revistas que falem sobre o tema. Cada grupo estuda o assunto a partir de um veículo. Apresentam-se os resultados no plenário e se observam as coincidências e não-coincidências na abordagem do tema em questão. Os participantes confrontam a análise dos Meios sobre o assunto com a própria experiência. Quanto mais conhecimento sobre o tema tratado, mais rica será a análise de como os Meios o apresentam e maior distanciamento haverá das versões dos Meios de Comunicação, se não coincidirem com o próprio conhecimento.

Em todas as técnicas – com ou sem exibição de programa de televisão –, depois das discussões sobre os itens específicos, o coordenador pergunta ao grupo quais são **os pressupostos da informação** na televisão: o que é dado como ponto de partida na relação com o espectador e que configura o que chamaríamos a **lógica interna da informação** (os pressupostos ideológicos da informação, como a neutralidade, a imparcialidade do Meio, a TV representa os interesses da sociedade, da opinião pública...

A força e a fraqueza da informação, principalmente no rádio e na televisão, devem-se ao atrelamento no presente, à necessidade premente de seduzir a sociedade com novidades- matérias da moda, que logo serão esquecidas e dificilmente retomadas. O tratamento espetacular ajuda a tornar a informação mais atrante; daí o ritmo ágil, os recursos visuais e a dificuldade de contextualizar cada notícia, de explicar o porquê se chegou a tal conflito, crise ou situação. Esse mesmo ritmo dilui a força de muitas notícias (diluição que pode ser feita propositadamente). O noticiário alerta para exceções, para o que sai da norma, para pontos de estrangulamento, de conflito do sistema social, visto da ótica predominante da burguesia.

Em todas estas etapas e com muitas técnicas- e algumas leituras suplementares – pretendemos chegar à análise conjuntural da informação (mediações atuais que afetam a informação) e à análise estrutural (relação de poder entre grupos e classes); observar as brechas e contradições existentes, bem como são apresentadas as classes populares.

Sempre que possível convém utilizar também material de análise dos Meios, produzido a partir da ótica das classes trabalhadoras para confrontá-lo com o que os Meios de Comunicação convencionais propõem. Um material interessante é o da Associação Brasileira de Vídeo Popular, com sede em São Paulo.

As mesmas técnicas podem ser aplicadas para análise de programas radiofônicos. A análise de valores, para a publicidade.

A Comunicação na Comunidade

A ênfase maior nesta etapa se desloca dos Meios para o processo organizacional, a partir dos mecanismos de comunicação, principalmente trabalhando as relações do que se diz (através dos vários códigos) e do que se faz (comparação do discurso e da práxis).

A intenção é perceber como o grupo se comunica. Dependendo da situação do próprio grupo, a análise processar-se-á de forma mais ou menos aberta, completa. Propomos a seguir um esquema básico que será adaptado a cada caso.

ESCOLHA DE UMA SITUAÇÃO SIGNIFICATIVA

O grupo faz um levantamento de situações concretas importantes da vida da comunidade. Escolhe uma situação que tenha maior significado (por exemplo, uma situação de conflito). Convém descrever a situação, historiar-la, anotando como começou, evoluiu e a que desfecho chegou (se é que chegou a algum).

ANÁLISE DO DISCURSO

- O que se diz, verbalmente, ou através de documentos e relatórios.
- Análise das relações envolvidas:
 - quem diz, como diz;
 - relações de poder (análise das relações concretas dentro da comunidade) à luz do discurso total (do verbal e do não-verbal), percebendo as relações de igualdade, de pseudo-igualdade e de autoritarismo.

O QUE PODE SER MUDADO

- Em relação aos meios;
- Em relação ao uso dos meios específicos para essa comunidade;
- Dentro da própria comunidade;
- Em relação às propostas de produção de uma nova comunicação (o grupo experimenta formas novas de produção).

Como nesta etapa a análise toca pontos sensíveis da organização institucional, onde há relações de poder diferenciadas, é preciso perceber se há condições para um trabalho nesta linha, principalmente se os elementos que detêm o poder num grupo estão dispostos a uma auto-análise aberta e esclarecedora. Se não houver condições, esta etapa de análise pode transformar-se numa pseudo-análise, pelo receio dos participantes em se colocar, com medo de futuras represálias. Uma alternativa possível, neste último caso, é pedir aos participantes uma análise por escrito, individual, e o coordenador apresenta, mais tarde, uma visão do conjunto, sem individualizar as participações.

Conclusão

Mais importantes que as técnicas são as estratégias de análise dos Meios. **Partimos da experiência própria, subjetiva, para levá-la ao encontro das propostas dos Meios.** Passamos **da experiência para a objetivação.** Começamos com a análise de um produto concreto (um programa, um filme) como exemplificação de uma análise maior. **Do particular chegamos ao geral.** Através da análise comparativa (com outros programas semelhantes) obteremos uma melhor visão de conjunto.

O que interessa é obter uma visão de totalidade da televisão, do rádio, dos jornais. As análises concretas ajudam a que nos encaminhemos para a **visão conjuntural e estrutural dos Meios de Comunicação na nossa sociedade e da comunicação na nossa comunidade.**